

Mortalidade por queda de idosos em relação ao gênero no Brasil

Gabriela Guimarães Oliveira¹, Bruna Borba Neves², Bruna Rios Rauber¹,
Luisa Braga Jorge¹, Ângelo José Gonçalves Bós³

¹ Fisioterapeutas. Mestrandas em Gerontologia Biomédica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

² Terapeuta ocupacional. Mestranda em Gerontologia Biomédica, PUCRS.

³ Médico Geriatra. PhD em Medicina na Universidade de Tokai, Japão. Professor Titular do IGGB-PUCRS.

INTRODUÇÃO: As quedas têm sido referidas como importante fator de risco para redução da capacidade funcional em indivíduos idosos. Em função de sua natureza multifatorial, sua frequência e suas consequências, as quedas constituem uma das grandes síndromes geriátricas e um dos maiores problemas de saúde pública que podem levar até mesmo a morte. **OBJETIVO:** Analisar a prevalência de morte por queda em relação ao gênero de idosos no Brasil. **Métodos:** Os dados foram obtidos através de busca no DATASUS, em Informações de Saúde (TABNET), Estatísticas Vitais em mortalidade geral. Selecionou-se morte por quedas em idosos (≥ 60 anos de idade) no Brasil, no período de 2000 a 2014. **RESULTADOS:** A prevalência total de mortes por quedas independente do gênero foi de 77.684. Dessas, observou-se que quanto maior a idade maior o número de óbitos devido tal evento, onde a faixa etária dos idosos longevos (80 anos ou mais) apresentou o maior número de óbitos (41.896). Ainda assim, observou que a mortalidade por queda foi crescente quando contabilizado os óbitos gerais, como quando observados o gênero isoladamente. Em relação ao gênero, os homens apresentaram 38.412 óbitos e as mulheres 39.263 óbitos. Da mesma forma, analisando por faixa etária os homens idosos jovens (60-79 anos) morreram mais do que as mulheres idosas jovens. No entanto, as mulheres longevas morreram mais do que os homens longevos. **CONCLUSÃO:** A frequência de mortes por queda de mulheres longevas acredita-se que se deve ao fato de que elas apresentam inclinação para usar maior número de medicamentos e moram mais sozinhas, como por sofrerem um declínio de massa muscular mais rápido especialmente nos primeiros anos após a menopausa e por terem menor probabilidade de exercer, ao longo da vida, a prática de atividades que incrementem o crescimento de massa muscular como, por exemplo, a prática de atividades desportivas. Já a frequência de mortes por queda de homens jovens acredita-se que se deve a tendência que eles mostram de não procurar atendimento médico antes de uma condição de saúde se tornar grave, resultando a um retardo no acesso à prevenção e ao gerenciamento das doenças, assim como pelo fato deles terem maior probabilidade de se envolver em atividades físicas intensas e perigosas e em comportamentos arriscados.

